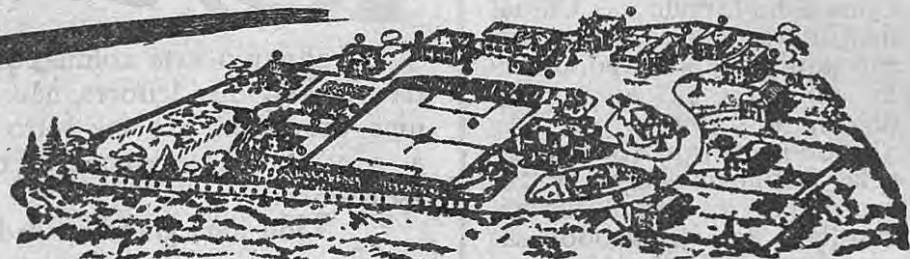




Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º 231 PREÇO 1\$00

NOTA DA QUINZENA

Eu saía da capela, da minha oração, quando dou de cara com um homem dentro da sacristia.

Não é costume ali. Muitas pessoas me procuram naquela hora, mas esperam no largo, fora da porta. Hoje não. Hoje foi dentro. Era um homem ainda novo, roupa de domingo, triste, e uma grande expressão de sinceridade. *Trago aqui uma carta*, disse.

Perguntando de quem, ele responde que é dele. Ele mesmo a tinha escrito e vinha-me entregar. Da capela à nossa cozinha é um salto. Fazia frio. Os jornais de ontem deram neve no Marão. Mandei-o entrar e entrei após. Na cozinha era a grande hora. Se a panela do caldo não começa a ferver às nove, não temos caldo que preste. Os cozinheiros sabem-no e andavam ocupados. Dentro, na copa, os três de lá dão os últimos retoques; são horas da escola. O *Caçoila* tinha entrado com dois grandes cestos de hortaliça. *Melgaço*, dois cântaros de leite. O meu refeitoreiro tinha-me posto a mesa sobre um armário. Eu tomo ali o meu café. O homem está a dois passos. Pergunto-lhe se quer tomar alguma coisa e ele diz-me que não. Compreende-se aquele *não quero*. Deve ter sido hoje a primeira vez na sua vida que ele vem estender a mão! Um dos cozinheiros serve-me e serve-o. Eu foi café e ele uma grande taça de leite quente e uma fatia de sêmea que o Sérgio tinha cozido.

Eu ia sair. O *Morris* estava pronto. Enquanto me dirijo para ele, tomo pelo braço o meu hospede. Já me tinha dito ser de uma freguesia daqui perto, mas quis saber mais e fui perguntando.

É um jornaleiro. Jornaleiro, por estes sítios, é o homem que se chama quando dele se precisa. E quando ele o faz, por precisar, não tem, em regra, quem o escute! É um jornaleiro. Tem seis filhos. Na altura tinha a mulher na cama, doente. E ele, segundo informa, anda a tomar injeções...! Eu acreditei. A cara o dizia. Entreguei-lhe discretamente uma soma de dinheiro e como o *Morris* ia passar a pouca distância da sua casa, convidei-o e ele entrou. O carro desliza. Antes de chegarmos ao ponto onde havia de sair, pergunto se na sua freguesia

não existe uma Comissão de Assistência. O jornaleiro não sabia o que isso era. Pergunto outra vez se não há uma conferência de S. Vicente de Paulo. O jornaleiro não sabia o que isso era. Pergunto de novo quem é que lhe acode. *O povo dá alguma coisinha consante pode*, respondeu.

O *Morris* pára. O homem desce e põe-se a caminho, agora mais contente e mais confortado. Era muito frio. Chuviscava. Eu corri as vidraças do carro e continuei na oração da manhã, interrompida, há pouco, por este jornaleiro.

O que seria de mim? Como suportaria eu uma grande doença e um grande encargo de família e uma gravíssima penúria do indispensável à vida? Teria eu a espantosa resignação deste homem: *o povo dá alguma coisinha consante pode*? E que méritos pessoais ou que serviços tenho prestado, para merecer a Deus a vida privilegiada que ora levo; com um carro às minhas ordens e o mais que necessito?! Depois destas considerações, meramente pessoais, salto para o mundo e factos exteriores. Em primeiro lugar, a soma de dinheiro que eu dei ao homem, sendo considerável, não dá para mais de uma caixa de injeções. Elas cusam os olhos da cara. É um negócio. E que tivesse chegado, fica a mulher doente na cama, ficam os seis filhos à roda e o pai a acusar... Acusar sim. Digo bem, sim. Nós havemos de ser julgados, a começar pelos mais preponderantes, muito embora julguemos que não temos culpa por casos desta natureza. Engano! Ninguém é juiz na sua causa e esta causa é nossa.

O jornaleiro tinha os olhos embaciados quando me falou de manhã nos seus filhos. Embaciados outra vez, em frente de uma taça de leite. E torna a chorar quando eu lhe disse a soma de dinheiro que lhe entreguei. Tudo isto isto são lágrimas de acusação. Ele é uma testemunha. Aquelas lágrimas não deviam ser.

Quem ler as nossas leis e decretos, fica sabendo que tudo se encontra devidamente arrumado. Em cada freguesia existe na verdade uma Comissão de Assistência...

Este não, mas grande parte

Casa dos Pobres de Coimbra

Estive ali um dia destes a convite da Direcção. Ouvi o que não queria nem esperava, mas, em compensação, vi coisas que muito me deleitaram.

Era noite alta quando deixamos a mesa de jantar. Tínhamos tido da comida dos pobres e começado à hora deles, mas três horas depois, estávamos ainda ali reunidos; tanto nos prendemos com a hora e o lugar e a circunstância! Era na Casa dos Pobres. O Sr. Doutor Fernandes Martins, lembra uma última visita às camaratas. Fomos. Uma vez lá dentro, desprendo-me do grupo e vou sozinho. Os habitantes da casa estão deitados. Alguns dormem, outros velam, raramente aparece um encostado ainda ao travesseiro. O ar é de limpeza. Vou prosseguindo sozinho, para não ver nem ouvir senão somente o que me interessa. Ao fundo dou volta e regresso encostado a uma nova fila de camas. O mesmo bafo. As mesmas cabeças sobre travesseiros fofos. Dorme-se, dormita-se, vela-se. Um fogão de sala aquece o ambiente! Que beleza! Que quentinho! Estou quase no fim da sala e aqui faço uma pausa. Volto-me. Conto os leitos e assento o meu espírito nesta verdade: *se não fosse ali era na valeta!* Eis.

Ouvi dizer que se pensa muito a sério em conseguir uma quinta e alojar melhor todos quantos ali se encontram bem alojados.

Nunca é de mais procurar o melhor para defender os sem meios e sem forças. Uma quinta sim. Eu convido os meus leitores a virem comigo a este mirante e observar do seu peitoril aquela formosa quinta, ao longe. São cem homens e outras tantas mulheres. Não usam uniformes. Não são conhecidos pelo número. Nenhum deles sente a sua velhice, porquanto cada um trabalha no que pode e como sabe. Eles mesmo tomam iniciativas, dirigem-se por grupos, trabalham para fora nas suas antigas artes; e o público procura adquirir o produto dos seus trabalhos, pagando. Eles são livres. É desumano manter hoje na forma um homem que talvez haja ocupado lugares de comando na sua vida passada.

Os meus leitores vejam bem o

dos pobres que vêm diariamente ter à nossa casa, de muitas freguesias e até desta em que estamos, apresentam-se munidos de um atestado em papel de 25 linhas, aonde os três membros da Comissão declaram que o portador necessita! Ora isto é uma perversão.

movimento, a satisfação, o aproveitamento humano que não vai naquela granja! Notem sobretudo a juventude! O quê, dirão muitos. Falar de juventude numa casa de velhos? É verdade. Dizem que eu sou mestre. Pois bem. Jamais o fui tanto como nesta afirmação...! Dê-se o ambiente e apaga-se na alma o sentido da inutilidade. Isto é que o torna triste, rabugento, velho. Notem ainda os meus leitores, enquanto estamos aqui no peitoril, que aquela quinta assim concebida e dirigida, é uma economia para o tesouro público. Os chamados velhos que ali vivem, trabalham, diminuindo assim as despesas da assistência. E já agora que estamos com a mão na massa, afigura-se-me, na minha ignorância das coisas altas, que anda muito erro por aí espalhado em matéria de assistência. A verdade é que nós podemos aproveitar muito do trabalho e préstimo daqueles que julgamos em necessidade de assistência. Isto dá naturalmente prazer e diminui as despesas dos contribuintes. Não é preciso muito dinheiro; menos ainda, que este seja o problema número um em questões de assistência. Precisamos, sim, mas é cooperação de todos.

Voltando ainda à quinta que se vê do peitoril, os seus habitantes podem sair da casa e prestar os seus serviços aonde forem chamados. Coisas pequeninas. Trabalhos interessantes e remunerados adequadamente. Mas ele haverá no mundo um maior rendimento social? Está a sociedade para o homem ou este para a sociedade?

Banco Espírito Santo

Do muito que temos a dizer, não posso ir além de duas palavras, pelo adiantado da hora, quando a notícia me chegou. O Júlio tinha o jornal imposto.

Basta, por hoje, revelar aos nossos cem mil leitores da Europa, Ásia, África e América, que os Directores se reuniram em Lisboa e resolveram enriquecer os Pobres com dez casas. Dez casas! E temos outra notícia semelhante: os Funcionários da Filial do Porto reuniram-se e também dão uma casa. Uma casa. O superlativo! No próximo número voltamos.

NATAL

O nosso Natal. O Natal como é no mundo das Casas do Gaiato. Os cronistas virão aqui, a seu tempo, dizer de como foi nas suas. Eu digo hoje, da nossa.

Ontem saíram 13 rapazes pela freguesia entregar 26 consoadas a outras tantas famílias. Não se mandou cá vir. Fomos lá nós. Mais recato. Cada lote era um litro de azeite, 5 quilos de batatas e um bacalhau. No mesmo dia, Sérgio foi por mais longe, entregar a consoada aos habitantes das nossas casas do *Património*. De um, entregou-me uma couve troncada da sua horta para o meu natal! Isto é um poema!

Carlos do Lar do Porto, telefonou-me que tudo correu bem com a festa deles. Que deram muito a muitos. Que pessoas de categoria pediram para se associar e também foram pelos *barredos*. Quê? Seremos nós, gaiatos, os neo-indicados para revelar hoje a Luz, tal como outrora os discípulos de Baptista? Mais. Do Seminário Grande também perguntaram ao Carlos se podiam ir mais ele ao Barredo assim como fizeram o ano passado. São os mesmos seminaristas, ora mais perto do altar. Seremos nós? Até por nos queixarmos aqui do preço do bacalhau, não será isto, ainda, uma revelação da Luz? Quando eu andava por lá, notei que toda a boa dona de casa, em Inglaterra, faz as suas reservas de doce de laranja. Milhões. Ora acontece que naquela quadra do ano, descaia o preço do açúcar; e depois tornava a subir. Ajudar a economia doméstica. Dar a mão aos que não têm nada, ao menos nesta quadra do ano. Por mais não se me dá. Não tenho necessidades. Mas tenho pena dos sangrados; isso tenho.

Voltemos ao Natal. Entremos de novo dentro das portas das Casas do Gaiato. Outro credo. Um diferente sol. Descia eu da mata quando vejo um grupo deles dirigir-se a mim, esbaforidos. Era o Zé Lemos, o Armandito e o Braga. Traziam pela mão um colega. Tinham ido à igreja da paróquia confessar-se, afim de comungarem logo, à missa do galo e deram com ele no caminho. *A gente achou-o*, disseram. Eram dez horas. Mais de oitenta dos rapazes do *Seja-Quim*, trabalhavam ao longe, num desaterro! Outros ceifavam erva. Os maiores podam vides. Na horta colhem-se cestas de troncadas. O padeiro, fez uma fornada de boroa mimosa. Ontem, todo o santo dia foi levado com rabanadas e aletria. É o Natal. O *achado* está ali no meio dos achantes. Já tinha dito muito da sua história, pelo caminho, que todos desejavam agora repetir ao mesmo tempo. Havia a ânsia nos olhos de cada um, se ele ficaria ou não. Eu falei. Sem

Continua na 4.ª página 2.ª coluna

Da que nós necessitamos

Conquanto esta coluna, querida e amada dos leitores, não seja uma procissão, não me furto que a não abra hoje com esta carta estupenda:

«Sou uma grande pecadora, não tenho força de vontade para me corrigir.

Estou numa situação precária e no entanto sinto que preciso fazer alguma coisa para ajudar essa tão estupenda obra. Esta semana consegui juntar a pequena quantia de 20\$00 fumando apenas 4 ou 5 cigarros por dia.

Mando-lhe pois esta migalha pedindo-lhe somente que reze pela cura da minha alma».

Se Jesus não fosse sempre, havíamos de confessar que voltaram os tempos dos pescadores da Galileia; tornam os homens e as mulheres a sentir nojo dos seus pecados e a pedir a cura das suas almas! Senhor Jesus; então, como agora, ainda sois o amigo pessoal de quem Vos procura. Eis esta grande pecadora a confirmar. Encomendas postais de várias procedências e dentro cartas de boas festas, são aqui o pão nosso de cada dia. Mais 60\$ do Grupo Recreativo de Aldoar. Mais 100\$. Mais 100\$. Mais de Ilhavo, alguém

que vive do seu trabalho. Quando isto de viver cada um do seu trabalho for a regra, quer dizer que se atinou com a fórmula de vida. Mais 20\$ de Coimbra. Mais roupas de irmãs amigas. Mais 5.730\$, — subscrição aberta entre os residentes de Bibala, Província de Angola. A maior parte são assentadores de linha, tão remediados que não passaram de 5 angolares! Leio nomes de terras como Vila Arriaga, Cacanda, Montipa, Pirangombe, Rio da Areira, Humbia, Tolundo, Kara kul, Lola, Capangombe, Caitou, Tolundo. Mais de cem nomes disseram que sim. Eu respondi a dizer o mesmo e enviamos 3 exemplares do *Barredo* às três senhoras que andaram com as listas. Mais 100\$. de uma pecadora. Mais 20\$ de Lisboa de uma promessa feita ao nosso santo padre Cruz. Mais 60\$ para o Barredo. Mais mil do Sepúlveda. Mais 20\$ de uma pessoa que chora quando lê o jornal. Mais 50\$, graças obtidas por intermédio de Santa Filomena. Mais 50\$ do primeiro ordenado do meu filho. Mais 40\$ de Vila de Mouros. Mais alguns sacos de castanhas. Mais o Dr. Zéquinha. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 500\$, — multa aplicada na cidade de Moçambique pela Polícia Civil. Mais 40\$.



TRIBUNA DE COIMBRA

Hoje é dia de S. Tomé, o Apóstolo crente. O Mestre Ressuscitado aparecera aos discípulos, estando Tomé ausente, que quando volta ouve de todos: «Vimos o Senhor». E Tomé responde: Não acredito sem O ver. E então Jesus aparece-lhe novamente e dirigindo-se lhe diz: «Tomé, olha bem para mim, apalpa as minhas feridas e toca a chaga do meu peito». E Tomé cai de joelhos e exclama: «Meu Senhor e meu Deus». «Tomé, acreditas porque viste; bemaventurados os que não vêm e creem», diz Jesus.

Passei há dias por uma terra e encontrei um sacerdote aflito que me puxa pelo braço para eu ir ver: «anda ver onde vivem três famílias». Acedi; era o grito dum sacerdote a afligir-se com o seu semelhante. Vi tudo em silêncio. No fim encorajei-o.

Passados dias recebo nova carta: «Já dormem debaixo de telha, graças a Deus. Aquilo não basta. Se a nossa caridade estivesse satisfeita com aquilo, seríamos cristãos miseráveis, não achas? A gente não devia pregar enquanto não remediássemos estas misérias. Primeiro a pregação do exemplo e depois a da palavra. Não tenho para pagar ao homem que fez a mão de obra. Creio na Providência!»

E passados dias recebo nova carta do mesmo sacerdote: «Um pescador que me ajuda chamou a minha atenção para a barraca vizinha que está no ar pela misericórdia dos espeques que a seguram. O pescador vai-se assim entusiasmando por este trabalho e tirando dele frutos da vida eterna.

Vou dizer-lhe que tome conta deste trabalho. Eu queria entrar nestes túrgios e pregar lá o Reino de Deus,

mas sinto que a doutrina que pregasse não seria aceite. Falta o essencial. Por isso não me atrevo. Espero que a minha passagem por ali não seja inútil. A minha mão, a nossa, a da Igreja, a de Cristo. A Caridade há-de vencer!»

No caminho este sacerdote tinha-me dito: não tenho aqui um tostão para lhes dar; nem aqui, nem em casa. E sentimo-nos tão bem que não as sim não temos nada!

E já que falo de sacerdotes, aí vai outro. Passei por casa dele. Tudo pobre, como pobre era a casa de Nazaré. Quando tem, costuma dar-me alguma coisa e desta vez deu-me ainda mais; foi o exemplo: «eu queria dar-te alguma coisa para os gaiatos, mas hoje não tenho nada; quando puder, mando-te».

E ainda outro. Estive em sua casa e merendei. Foi chá e pão. Uma mesa, quatro cadeiras, um guarda-louças, tudo muito pobre e mais nada. Perguntou à irmã se tinha uns bolos e ela sorriu-se e disse que não. À despedida, em atitude de desculpa disse-me: «notei que, quando rezavas, procuraste um quadro da Ceia. Olha, graças a Deus, não tenho que chegue para um quadro, nem para bolos. E graças a Deus que assim é».

É pároco na cidade. Eu dei também graças a Deus por estas grandezas nos homens. Como estes, há uma falange de sacerdotes heróis.

Porque vi e apalpei e toquei, como Tomé, presto-me de joelhos e digo: meu Senhor e meu Deus. Eu acredito em Cristo Ressuscitado e Incarnado nos seus sacerdotes.

Padre Horácio

AO MICROFONE

Visto que me convidam, eu não posso recusar-me e sirvo-me de todos os meios para revelar aos meus irmãos as inenarráveis riquezas de Cristo. Parecendo que eu falo da *Obra da Rua*, e que falo da *Casa do Gaiato* e que digo do *Património dos Pobres*, a verdade é que na raiz de tudo isto, está o Evangelho. Nem nada daquilo que eu digo seria, se Ele não fosse. Por isso aceito. Por isso quero. Por isso me sirvo de todos os meios e desejo gastar todas as minhas forças ao serviço do meu Mestre e Senhor.

Desembarquei ontem numa cidade que não conhecia. Há 30 anos, a Beira não era assim. Tão modificada, que por mais que eu tenha procurado, ainda não consegui orientar-me no piso daquele tempo. É uma cidade que foge, porque a fazer-se. Uma cidade em evolução. Oxalá o progresso seja total. As leis sociais dignifiquem. O espírito oriente a matéria e desta forma teremos aqui um povo sumamente feliz, — porque cristão.

Fiquei muito contente pelo número reduzido dos que me esperavam. Assim convém que seja. Que ninguém perturbe as suas horas de trabalho, por via de um mendigo que passa. E mais contente ainda, por ter observado e sentido que entre os presentes o número de sacerdotes era considerável. Muitos deles; e um, até, em nome do vosso jovem e apostólico Bispo. É a Igreja. Estava a Igreja a dar testemunho desta minha jornada. Ela é o selo branco. Ela basta para me qualificar. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

Uma vez na cidade e já no meio de vós, eu começo a ouvir de um e doutro o incêndio que por aqui lavra. O nosso Deus é um fogo que consome. Os missionários do Padre Eterno parecem incendiários, mas o seu fogo é daquele que o Filho do Homem veio trazer à terra. Não destroi. Não causa vítimas. Convence e levanta as almas. Este fogo que ora anda a lavar na Beira, traduz-se por infinitas migalhas. Pequenos sacrifícios. Obolos da viúva que vão causar alegrias e aliviar muitas dores nas legiões pobres da nossa muito amada Pátria. Eu não quero quantias grandes; seria para nós uma desgraça se amanhã tivéssemos ofertas que nos viessem tirar do peito a chapa de mendigo de pobre de Cristo. Por isso pedimos e aceitamos as vossas migalhas e é esta doutrina que anda a correr no seio dos habitantes da Beira. Em Lourenço Marques e Luanda, terras por onde já passamos, tem sido assim. Ele é a oferta do pequeno industrial, ele a das crianças que furam os seus mealheiros. Nada que venha destruir o espírito de pobreza. Nada que nos venha pôr em perigo de corrupção. Porquanto, o tempo e a história ensinam que onde houver muito dinheiro, aquela é inevitável.

É tempo de terminar. Estarei ainda na Beira durante todo o dia de amanhã, 4.ª feira. Na 5.ª, em hora não determinada, contamos seguir para o Luabo. Não quero dizer adeus a ninguém. Tam pouco até à volta, pois que não sei se ou quando. Apenas digo a cada um que estou ao vosso dispor em terras de Portugal. E depois da minha morte, ficam os meus continuadores. A *Obra da Rua* tem

(Continua na 4.ª página 1.ª coluna)

Património dos Pobres

Ontem saí de manhã e era já noite quando regresssei. Munido do livro de cheques da conta *Património dos Pobres*, fui por aí acima assoprar. Na primeira paragem entrei na igreja, perguntei pelo senhor Abade. Que estava nas casas, disseram; e indicaram o caminho. É ali perto. Estava, na verdade, o senhor abade a trabalhar. Há já duas em forma de ser habitadas. Conversamos. Demos o abraço de despedida. Ele pede que demore e eu também assim gostaria, mas tenho de andar. Vão-se fazer ali mais casas. O terreno é da Junta. Podemos cortar por largo. Novamente na estrada. Chove. Há lama. O Morris vai cuidadoso; em baixo o Douro barrento. Eram

lor. Terreno da Junta. Pároco a arder. Casas prá frente. Nós entregamos à Igreja. A Mãe Eternal! Por amor d'Ela semeamos sem se nos dar de quem venha a colher.

É chegado o tempo de meditar qual será mais urgente; se levantar capelas ou casas.

É chegado o tempo dos mártires da arena; sacerdotes que tenham fé e coragem de servir, sem pedir nada pelos seus trabalhos e distribuir racionalmente as esmolas que lhes confiam. É chegado o tempo. Se o não fazemos agora por amor de Deus, vem lá quem tudo faça—sem Deus! É a traição. É o preço da traição ao Mestre!

Este N. tal de 1952 abriga uma

lhe termos escrito, tivemos a grande alegria e consolação, de recebermos as suas queridas notícias e as fotografias, que muito nos comoveu e que do coração agradecemos.

Muito obrigado pela sua tão delicada atenção. Que Deus lhe pague o carinho com que trata estes seus pobres filhos de Inharrime.

Os retratos, já foram vistos por algumas pessoas de Inharrime, que muito se comoveram.

Foi uma inspiração divina mandar os retratos, pois poeles, ficamos a conhecer a santa viúva e filhinhos, que vai habitar a Casa de Inharrime; e estabeleceu-se o traço de união entre nós e eles, fazendo assim parte da Família de Inharrime.

Meu Marido, vai para a semana, se quiser, a Deus Inhabane, para enviar a consoada da Senhora Sancha e família.

Já me sinto feliz, pela alegria que eles vão sentir...

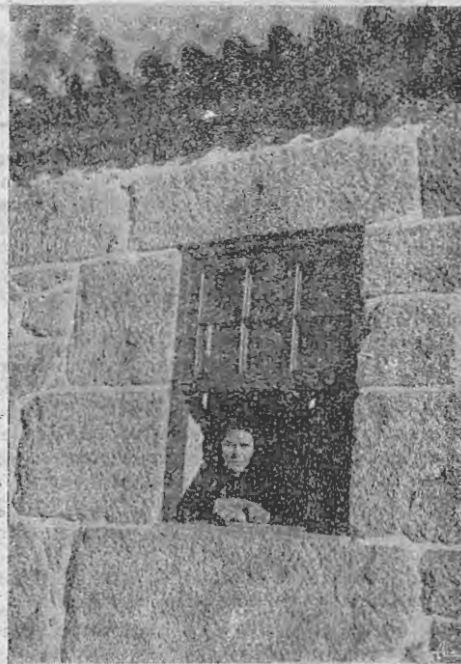
Vou comprar um passe-partout para colocar os retratos, para andarem de mão em mão, ficando desse modo mais resguardados.

Depois de toda a população de Inharrime os ter visto como alguém deve ficar de posse deles, se nos permite, ficamos nós com eles, para os juntar aos nossos retratos de família.

Muito gostamos da casinha. Que felizes, elas se deviam sentir, quando para lá entram.

Fiquei muito satisfeita por saber que era uma viúva, pois pelas santas viúvas tenho um carinho especial. Só em pensar que poderei perder o bom marido, que Deus me concedeu, por caridade. Sinto a dor que essas pobres almas sentem, quando perdem o companheiro da sua vida.

Quantas, depois de ler e chorar, não vão seguir o Mestre, que deu



A feliz dona de casa olha hoje o mundo do seu novo mundo

o talento de bem amar a esta Mulher Portuguesa! Meditem a fórmula total do verdadeiro cristão: *já me sinto feliz pela alegria que eles vão sentir.* Que formidável conquista. Mas toda a carta é uma peça de amor de Deus e do próximo. Fica tão bem neste quadro falar das *santas viúvas!* E que monumento de beleza a razão porque são amadas! *Sinto a dor que elas sentem quando perdem o companheiro da sua vida.* Mas isto é a essência do cristianismo. É só porque a temos trocado ou buscado outras, que os homens andam perdidos.

Ele há mais. É a carta da mesma Mulher, dirigida à família que Inharrime adopta. Vai aqui um pequenino trecho, e basta:

«Estou a escrever-lhe com o seu retrato e de seus filhos à minha frente, pois uma das minhas grandes saudades, depois das que sinto da minha querida família, é das santas mulheres de Portugal.»

A carta termina assim:

«Abraça-a e aos seus filhos a amiga que sempre lhe será dedicada.»

Quais decretos! Qual força! Que heroísmo! Quem jamais soube afirmar assim, que Inharrime é Portugal!

E esta Mulher é do Porto! Eram duas, que naquela hora me procuraram. Recordo como se fora neste momento Noitinha. Júlio avisa duas senhoras. Eu estava no meu quarto e mando dizer que não. Júlio vai e regressa. *Olhe que são apenas duas palavras.* Levanto-me. Desço ao primeiro andar. Aproximo-me. *Nós somos do Porto.* Uma do Alto da Maia e outra de Cedofeita. E entregaram um cheque.

Recapitulação

Tendo começado este movimento audacioso em Abril de 1951, logo no fim do ano, tínhamos 18 famílias abrigadas. Neste, da era de Cristo de 1952, deixamos abrigadas mais 24, distribuídas por Fontelo, (Lamego). Paredes e Gandra e Galegos e Melres e Canelas (Porto). S. João da Madeira (Aveiro). Miranda do Corvo (Coimbra). E finalmente Tojal, (Lisboa).

De sorte que, sem ter botado sequer os dentes, a Obra já se apresenta hoje com 42 quintais cultivados e outras tantas famílias de mãos erguidas ao Pai Celeste, a examinar do peitoril de suas janelas como a horta cresce! Que grande Bênção para o mundo! Este é o caminho...



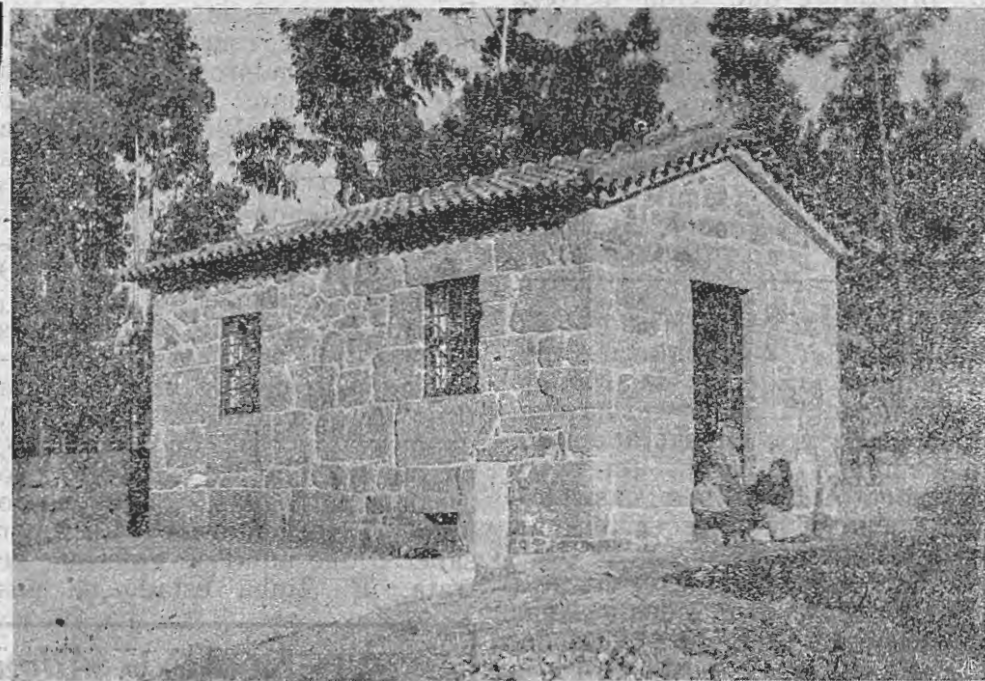
Dantes era a imundície, por via do pardieiro.

duas horas da tarde quando foi a segunda paragem. A casa do Património é mesmo à beira da estrada que segue da Régua a Vizeu. Distingo a pelo estilo. Duas moças enchem os cântaros no fontenário da terra. Eu pergunto-lhes de quem é aquela formosa morada. Elas respondem ao mesmo tempo, muito alegres—*aquela casa é para um pobre.* No cimo de uma serra, ao pé de uma povoação, duas moças, na fonte, anunciam aos viandantes uma coisa nova em Portugal: *aquela casa é para um pobre.* Eu enchi-me, ao ouvir, e devolvi a glória da notícia ao meu Mestre e Senhor Jesus. Uma hora depois, o senhor Abade da freguesia entrega-me a chave. Fomos primeiramente ver o sítio aonde o Pobre habitava...! A seguir, agora com muito povo, procede-se à entrega. Por minha vez, dou a chave ao novo habitante o qual enfia e antes de a desandar, traça sobre si o sinal da cruz! Vi com os meus olhos. Tornei-me a encher. Naquele Sinal, vencemos. Almocei com o senhor Abade. Ali perto, numa diminuta dependência da igreja, há a cantina escolar, aonde se consomem 86 malgas de caldo, diariamente. Eu vi. Tudo isto saí da santa pobreza daquele sacerdote. Nem Governo Civil, nem Câmara, nem Junta, nem a Mocidade. Não é preciso. A Pobreza sempre se bastou. O vento, ali, cortava. Despedi-me do meu colega com um abraço sacerdotal. Estão mais casas a subir. O terreno é da Junta. Outra vez no caminho. Tenho pressa. Desejo chegar antes de anoitecer. A terceira e última pausa, foi do mesmo ca-

família na Régua, duas famílias em Melres, mais duas em Miranda, outras tantas no Tojal, uma em Canelas de Gaia, três em Cabeça Santa, igual número em Galegos. Se considerarmos números, isto é nada. Não dá para estatísticas.

Porém, lendo a gente pelo Evangelho, sabemos que fazer bem a Um por amor de Cristo é ganhar o mesmo Cristo. E isto é um mundo! Como prova do que afirmamos, veja-se esta carta, que me é dirigida de Inharrime, por uma Família que oferece uma casa para uma Família pobre. Como vemos, é tudo no singular. É tudo número Um e não obstante, quantas almas se não vão erguer!

«Depois de meu marido e eu



Hoje é o asseio, por via da casa nova.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Como ultimamente tem havido poucas bolas de futebol, temos praticado vários jogos que se intitulam: oquei em campo, basquetebol, pilha, batê-fica, cow boys, etc.

Outro dia, andavam jogando os cow boys o Cheirinhas, que é o Foscoa, o Caçoila e o Mundo, na nossa mata.

Ora acontece que, o Mundo, um dos gajos mais bravos dos últimos tempos, passa uma rasteira ao Cheirinhas que veio a rolar pela mata abaixo e deu com os dentes num calhau, ficando a jorrar sangue perante o escarnio do Caçoila, que está a ficar com muita carne à frente os olhos e de caminho tem de andar às escuras...

A Tipografia Havanca, d. Tomar, teve a amabilidade de me enviar uns ricos patêis o que muito agradeço.

Tenho a informar os senhores, que os ditos ultrapassaram o estreito que foi uma limpeza.

A nossa tipografia está numa forma excelente. Estão sempre a despachar-se encomendas e todos os dias a chegar (trabalho) as carretas cheias, mas nós a tudo damos vazão porque trabalhamos com vontade e aplicamos toda a nossa perícia.

O nosso BARREDO está quase na sua última tirada. É uma maravilha olhar para ele até parece que foi impresso numa litografia.

Os senhores andem prà frente sem medo porque ele é limpo por fora mas muito mais por dentro.

DANIEL BORGES DA SILVA

LAR DO PORTO PEQUENOS—Aos 24 de Novembro de 1952, reunimos a Conferência de S. Vicente de Paulo, do Lar do Gaiato do Porto, tendo assistido todos os confrades, o assistente e presidente, e tendo assistido também Joaquim Correia, que nesta data foi admitido para a dita.

Também nesta data foi-nos dada a notícia que o pobre do Bonjardim tinha falecido. Deu entrada no Sanatório no sábado de manhã e à tarde faleceu.

Entrou mais uma pobre para a nossa conferência, Ana da Conceição, reside na rua D. João IV, 832, casa 19, Porto. Ela não pode trabalhar, tem dois cânceros, também tem um filho, mas está casado, vai-a auxiliando pouco a pouco, está a viver com um sobrinho, mas nem sempre tem que fazer.

Ficou a visitar esta pobre Fernando Guedes e Joaquim Bonifácio.

Acabando a leitura espiritual, que foi lida pelo livro «Confessai-vos Bem», o assistente explicou-nos das misérias que existem pelo Barredo, talvez o ponto mais elevado da miséria que a cidade do Porto tem.

Fernando Guedes

SÃO JOÃO DA MADEIRA A nossa conferência está um bocadinho baixa. Mas esperamos que os nossos leitores não se esqueçam de nós. Só temos 67 subscritores e como vêm estas esmolas que estes dão não chegam para mitigar a fome e agasalhar dezenas de pobres. Sanjoanenses tornai-vos subscritores da conferência de S. Vicente de Paulo dos Gaiatos e S. João da Madeira. Tendes uma vila tão rica, tão industrial, acabai com esta penúria, com estas bichas humanas que coalham as ruas desta vila aos sábados, um pouco que cada um de vós dê é o bastante para mitigar a fome a todos os pobres Sanjoanenses. Mas não peço somente ao povo de S. João da Madeira, peço a todos. Está a chegar o Natal, e os pobres já nos indagam, pelindo a consoada, mas com a consoada vem o frio, portanto aqui ficam estes dois pedidos, consoadas e agasalhos, cobertores etc. para os nossos pobres.

Mandem para o Presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo de S. João da Madeira, Lar do Gaiato, Bairro da Saúde S. João da Madeira.

Orlando António Floriano

CONFERÊNCIA DO LAR DE COIMBRA

Respondendo ao apelo que há tempos lancei para o nosso pobre do Bairro das Latas vieram donativos de vários pontos do país e até de Angola. A bicha começa com 20\$00 de Vila do Conde dum assinante do Famoso; 40\$00 e mais 20\$00 não sei de onde; uma mãe de Sá da Bandeira—Angola com 60 angolares numa carta que dizia no fim assim: «É que Deus lhe faça chegar às mãos o pão suficiente para cada dia». O pão de cada dia todos nós o comemos e portanto tentemos também reparti-lo com o nosso irmão pobre nem que seja só uma migalha porque «grão a grão enche a galinha o papo». Dai lhes um pouco do que vós vos alimenteis. Mais 220\$00 para o caixão do marido desta pobre vindos de M. L. B. do Porto. Pode ficar descansado ou descansada que nós cá pedimos pelas almas do Purgatório e das suas obrigações. Que Deus a ajude é o que nós lhe desejamos. Mais 220\$ com o mesmo fim do anterior. Esta

AO MICROFONE

os seus alicerces na Eternidade! Apenas eu seja chamado, outro me virá render. E desta sorte, afirmando com obras esta riqueza de migalhas, havemos de entrar e prosseguir por entre as gerações das gerações.

importância vem de M. E. A. de Montemor-o-Novo—Alentejo e será entregue à pobre na vida altura. Obrigado caro alentejano e não se esqueça dos nossos pobres. No que respeita a esta pobre tenho mais alguma coisa a contar-lhes. Um dia de semana fui lá fazer a minha visita habitual e por sorte eram 8 horas da noite. Entrei, conversei e por fim, que vejo eu, meu Deus? A mãe e cinco filhos de volta do lume e no meio deles um prato com 5 sardinhas para assar. Pergunto-lhe para quem é aquilo e ela diz-me que são para eles comer e que o pão foram pedi-lo. Ela depois começa a fazer uma série de lamentações que eu ouço com atenção e que passo a reproduzi-las. De noite quando chove, a casa parece um lago toda cheia de água. As roupas que os cobrem, de manhã aparecem todas molhadas. O marido e um filho já se foram embora com a tuberculose. Os outros filhos e ela se não têm cuidado seguem as pegadas dos primeiros. Como levava comigo algum dinheiro que lhe pertencia deixei-lhe lá ficar algum para eles não passarem fome nesse dia. A senha de 7\$00 também lá ficou. Um filho que anda a estudar na Escola Comercial não tem que calçar. Os outros andam mal vestidos. Nós não temos presentemente nenhuma peça de roupa para dar aos nossos pobres.

Não é só este a pedir roupa mas todos. Todos a pedem com lágrimas nos olhos e nós ficamos desconsolados e temos que lhes dar uma resposta negativa porque a não temos. Leitores, se vós tendes roupas usadas podeis enviá-las porque nós tudo aceitamos. Temos também muitas crianças que só andam com um vestidinho e passam frio que não é brincadeira. Tomando o fio à conversa, eu também tenho um pedido a fazer para a pobre do Bairro das Latas. Uma pergunta basta e ela aí vai e a quem doer que nos responda. Quem nos quer enviar todos os meses, até que se faça uma casa, uma quantia para que possamos alugar um ou dois quartos para albergar estes pobres que mais tarde ou mais cedo podem cair na cama com a tuberculose, devido ao mau ambiente em que vivem, devido à chuva e ao frio que passam durante as noites sem terem às vezes uma manta para o cobrir?

José Maria Fernandes

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Foi na segunda feira, dia 22 de Dezembro. Tudo pré-estabelecido. Embrulhos para tantos quantos visitamos. Cinco quilos de batatas, um bacalhau e um litro de azeite, para cada bico. Esta a consoada dos nossos pobres.

Eramos mais de uma dezena de vicentinos, que debandaram para os mais diversos lugares da freguesia. Uns levaram dois embrulhos, outros houve que tornar à mercearia por não poderem com a carga. Ainda outros pegaram no carro de mão da tipografia que se encheu—nove pacotes.

Ao todo o número dos felizes ultrapassou a vintena. Além dos habituais metemos na conta os do «Património dos Pobres». Não se descreve. Quanto não senti a alma do visitado e do visitador naquele momento! O verdadeiro amor cristão, que Jesus tanto pregou e que com certeza ajuda a perdoar as nossas faltas de pecadores. Quantas de quantos tamanhos e feitios! O homem por natureza frágil. E por isso precisamos de amar o Pobre. Ver nele a figura de Jesus. Jesus dos Fracos e dos Humildes. E Ele nos ajudará a vencer, as horas difíceis.

JULIO MENDES

NATAL

Continuação da 2.ª página

nada prometer, mandei lavar e vestir e que ao depois falaríamos.

É o nosso Natal. Os três haviam ido à igreja por um sacramento e no caminho, tomaram um outro sacramento. Estes sem casa, gozaram a hora de oferecer abrigo a um seu semelhante.

Quem sabe, torno a dizer, se a *Obra da Rua*, com todas as suas imperfeições, e até por causa delas, não está hoje posta entre os homens para lhes revelar a Luz do Mundo?



Crónicas de África

Faltava pouco para as sete da noite quando o avião desceu no campo de Johannesburg. Ali não há 19 horas como nós aqui dizemos; anda-se pela velha. A hospedadora abre e num instante saímos e atravessamos o campo em direcção à gare. Eramos somente 9 passageiros. A entrada, um salão adequado e munido com os precisos para o chá. São mesas baixas. Cadeiras da mesma sorte e amplas e confortáveis. Os criados começam a servir. Quem quer pode fazer uma refeição daquela hora, de tantas coisas que nos apresentam; e não vai mal se o fizer. O chá, misturado com leite, faz uma bebida que o inglês não dispensa e a que toda a gente facilmente se habitua de tanto sabor e tão bom paladar. Júlio estava perto de mim, sempre atento ao que eu fazia, para em seguida, fazer o mesmo. Tinha sido assim na viagem. Era agora. Foi sempre.

Mal acabados, um funcionário chama por nós e aí vamos à presença das autoridades com o cerimonial do costume.

Primeiramente Imigração, depois a Saúde, a seguir a Polícia e por último a Alfândega. Cada um no seu posto e sua Repartição. Poucas perguntas. Muitos carimbos. Apenas se nota na Alfândega um nadinha de impertinência quanto a jóias. Eles perguntam e exigem que o passageiro escreva se sim ou não é portador delas. São os diamantes. O medo que se tornem banais e prejudique.

Desde a hora que chegamos até àquela em que saímos, nós e os mais passageiros fomos sempre e em tudo soberbamente conduzidos por um funcionário experiente e cheio de boa vontade. É raro encontrar-se um homem assim. Ainda me não esqueci das suas amáveis expressões. Foi também ele que nos indicou o hotel, tendo ao mesmo tempo telefonado a guardar aposentos. A cidade dista uma longa meia hora, que se faz em carros de boas molas por cima de estradas macias. Montanhas de areia que deu oiro, sobem a muitos metros de altura na orla da estrada. Debaixo dos nossos pés e a quilómetros de profundidade, milhares de braços e máquinas, extraem mais oiro. São as minas. No curto prazo de meio século elas fizeram dum pequeno burgo esta faustosa cidade.

Chegamos à porta do hotel. Perguntamos e sim senhor; tinhamos aposentos reservados. Mal entrado no esplendoroso átrio, notei que estávamos um bocadinho deslocados. Aquilo não era para nós, nem condizia com a nossa missão. O funcionário do avião não errou, tendo-nos marcado, mas erravamos nós se ali nos demorássemos; era o Carlton Hotel. O Júlio ia morrendo de espanto, quando vê fora da porta carros de luxo que se sucedem, desembarcando homens e mulheres em traje de gala. Morre outra vez, quando vê os pares de braço dado, passar rentinho a nós em direcção a salas iluminadas, no coração do hotel. E pergunto-me. Ele quer saber o que aquilo é e de que se trata. Eu tinha estado há uns

trinta anos naquele mesmo hotel, mas eram outros tempos e eu outra pessoa. Para lhe manter a curiosidade, houve de perguntar a outrem. Nada de especial. Era um sábado. Naquele hotel, aos sábados, há baile. Baila-se.

Fazemos a nossa inscrição. Pedimos a chave do quarto. Dirigi-mo-nos ao elevador. Eles são dois, ambos de grande potência e lugar para muita gente.

Subimos ao sexto andar, quarto 650. Corredores espaçosos. Tapetes cobrem a superfície, tornam o piso agradável e causam silêncio. Dei a chave ao Júlio. Ele abre e entramos. Júlio morre mais uma vez. É um quarto todo azul! Móveis espantosos e das camas não se fala! O rapaz abre-se em espanto. Eu escutava sem nada dizer. Ali não era o nosso lugar, mas como não tínhamos feito mal a ninguém, entendi em consciência que bastaria mudar no dia seguinte. Entramos na casa de banho. Lavamos as mãos e as unhas e a cara. O pente andou. Júlio foi ao espelho. Eu não. Ver o quê? Saimos a porta que Júlio fecha e mete a chave na alçibei-ra...! Júlio é acatelado! É e le quem ora me guia para o elevador descendente. Eu perco-me com muita facilidade, mesmo dentro dos hotéis. Nas ruas sou quase infantil! No Rio de Janeiro, valeu-me o Zé Eduardo; agora é o Júlio. Eram horas de jantar. Fomos a ele. Uma sala de amplas dimensões e muito pé direito. Filas de mesas. Poucos lugares vagos. Criados em grande estilo, passam e repassam. Um sexteto faz música. Tínhamos entrado e agora esperamos que nos venham marcar sítio. O chefe marcou. Não passou ao pé de nós nenhum criado inglês ou sul-africano. Eram italianos. Enquanto me servia e o Júlio também, ia meditando no trabalho extenuante destes servos ligeiros, incansáveis e prontos à primeira chamada. Nós comemos e fomos embora. Eles já estavam servindo, serviam outros enquanto comíamos e ficaram a servir porque horas!

Amanhã era domingo. Dirigi-me às *Informações* a saber de uma igreja católica. A mais perto de todas era uma que faz de Sé. As sete horas estavam ali. O Reitor deu-me um altar. Tudo ali era irrepreensível, a começar pela ordem e asseio da sacristia. No altar, tudo é elevado. A missa era servida por meninos do coro, esculpulosamente vestidos, executando com perfeição. Estudantes das escolas superiores, iam por entre os fieis pedir para os pobres das conferências de S. Vicente de Paulo; e assim fazem em domingos alternados; uns para o culto e outros para os pobres. Na altura própria, um sacerdote vai ao púlpito, lê os textos da Epístola e do Evangelho, explica, dá os avisos da paróquia e termina. São padres Irlandeses. Não nos deixaram vir embora sem entrar na Residência e tomar com eles o pequeno almoço.

De regresso ao hotel, pedimos inormação de um outro mais modesto. Pagou-se a conta, tomamos as malinhas e adeus quarto azul.

ATENÇÃO! Adquirir «O BARREDO»

Pedidos à Editora—Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa